

**ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA: ÁNGEL
RAMA E A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA**

Roseli Barros Cunha¹

Resumo: A importância dos estudos antropológicos evidencia-se na obra de Ángel Rama (1926-1983), em especial em *Transculturação narrativa en América Latina*, de 1982. O uruguaio buscou interagir com intelectuais de outras áreas e países a fim de promover uma efetiva integração cultural da América Latina. Nesse processo de intercâmbios e influências são relevantes as obras dos brasileiros Darcy Ribeiro (1922-1997) e Gilberto Freire (1900-1987). Tratar-se-á da confluência entre os estudos antropológicos de Ribeiro e a produção crítica de Rama, em especial na criação de seus conceitos de transculturação narrativa e comarca cultural, e da realização de um do método de trabalho por parte do uruguaio e de Freyre que visava uma valorização das peculiaridades regionais da América Latina e do Brasil, respectivamente.

Palavras-chave: cultura, antropologia, literatura, transculturação narrativa, América Latina

Este artigo trata da importância dos estudos de dois antropólogos brasileiros, o mineiro Darcy Ribeiro (1922-1997) e o pernambucano Gilberto Freire (1900-1987) na obra do crítico uruguaio Ángel Rama (1926-1983), em especial em *Transculturação narrativa en América Latina* (1982) onde ele aborda longamente seu conceito mais conhecido.

Pensar criticamente a América Latina foi uma preocupação, mas também uma das ações realizadas pela geração de críticos como Rama nos anos sessenta do século XX. Além disso, a integração cultural do subcontinente latino-americano e a continuidade de um pensamento crítico peculiar ao subcontinente foram algumas das metas as quais eles se propuseram a alcançar. Para concretizar tal intento, esses intelectuais transitaram por várias áreas de estudo. Uma das áreas mais exploradas foi a antropologia.

¹ Doutora (2005) e mestre (1999) em Literatura Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo. Professora-adjunta da Universidade Federal do Ceará. roselibr@gmail.com



Ángel Rama para pensar e formular alguns de seus conceitos tais como *comarca literaria* e *transculturación narrativa* aproxima seus estudos aos antropológicos. Especialmente com Darcy Ribeiro houve uma grande confluência de ideias e projetos que se evidenciam em *Transculturación narrativa en América Latina*, publicada em 1982, mas que começaram efetivamente muito antes. Pode-se dizer que desde 1964 quando o brasileiro estava exilado em Montevideú, segundo atesta entrevista registrada nas páginas de *Marcha*, e prosseguiu ao longo das décadas de 1960 e 70 voltando-se para os rumos da cultura de nosso subcontinente.

Ambos estiveram à frente da elaboração da *Enciclopedia Uruguaya. Historia ilustrada de la civilización uruguaya* (1968-1970), e planejavam transformá-la em uma Biblioteca Básica de la Cultura Uruguaya. Anos mais tarde, juntamente com outros intelectuais, uma iniciativa ainda mais grandiosa os uniu: idealizaram e publicaram uma coleção de ensaios e obras de autores fundamentais para as várias áreas da cultura latino-americana tais como letras, filosofia, história, pensamento político, antropologia, artes, folclore e outras. Em 1974, o governo venezuelano oficializou o projeto, denominado Biblioteca Ayacucho. Dentre os vários tomos de suas coleções, há um número dedicado a Rama, *Crítica de la cultura en América Latina*, de 1985, e outros a autores latino-americanos como Fernando Ortiz, Pedro Henríquez Ureña, Mariano Picón Salas e entre eles vários brasileiros: Machado de Assis, Euclides da Cunha, Mario de Andrade, Lima Barreto, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Antonio Candido e Darcy Ribeiro.

O crítico uruguaio em uma de suas obras mais conhecidas *Transculturación narrativa en América Latina* escrita, em sua maior parte, ao longo da década de setenta, expõe e aprofunda sua teoria a respeito da cultura e literatura latino-americana ao estudar um caso específico – José María Arguedas (1913-1969) e *Los ríos profundos* (1958) – de uma determinada região cultural.

Ao empreender esse aprofundamento Rama utilizou-se do conceito de comarca cultural. Para explicitar essa divisão da América Latina em comarcas culturais, cita propostas de vários estudiosos, dentre elas as de Charles Wagley e Darcy Ribeiro. O primeiro fixa três grandes regiões (1982a, p.59): Afro-América; a Indo-América e a Ibero-América. O crítico uruguaio sustenta que um recorte similar fora proposto por Ribeiro, levando em consideração, de maneira mais acentuada, o Brasil, e atendendo melhor aos processos do que chama de “mestiçagem transculturadora”: povos-

testemunhos (mesoamericano e andinos); povos-novos (brasileiros, grancolombianos, antilhanos e chilenos) e povos-transplantados (rio-pratenses).

Em *Configuraciones histórico-culturales americanas* (1972), editado pelo Centro de Estudios Latinoamericanos sob direção de Rama, Ribeiro explica o que chama de interesse básico de seu estudo (1972, p.11): “el examen del proceso de formación de nuevas entidades étnicas y su interacción con sociedades distintas, integradas en diferentes tradiciones culturales, dentro del marco de los procesos civilizatorios”.

As configurações histórico-culturais americanas apresentadas por Darcy Ribeiro são compatíveis com o que Ángel Rama compreende por comarca cultural em “Diez problemas para el novelista latinoamericano”, de 1964. Nesse ensaio, republicado em *La novela latinoamericana, 1920-1980* (1982b), o uruguaio se ocupa de uma divisão do continente voltando-se para a macrorregionalização. Sua perspectiva é a de fazer prevalecer a unidade sobre o problema da “balcanización política de América Latina por obra de los imperialismos, las oligarquías locales y falsas estructuras administrativas del colonizaje, con lo cual se han creado precarias y, muchas veces, arbitrarias estructuras seudonacionales (América Central sirva de ejemplo)”. O autor desenvolve ali o que entende por comarcas culturais (1982b; p.49-50):

Ello [a balcanización] ha dificultado la natural expansión y desarrollo de las comarcas semejantes donde los elementos étnicos, la naturaleza, las formas espontáneas, las tradiciones de la cultura popular, convergen en parecidas formas de creación literaria: así podría hablarse del Tihuantisuyo, por la presencia indígena y sus tradiciones culturales propias, por sus idénticos conflictos con la sociedad blanca; así podría hablarse de la comarca pampeana, asociando vastos territorios argentinos, el Uruguay y Río Grande do Sur [*sic*], donde se ha generado el “gaucho” con sus características cosmovisión y literatura; así podría hablarse del Caribe, donde el mar, las islas, la mezcla racial, tan intensamente productiva de cultura, ya ha sido reconocido integrado en un solo ciclo cultural por obra de un novelista (Carpentier). Estas comarcas – no sólo naturales sino también culturales – son desfiguradas por la balcanización política, pero sin embargo deben reconocerse en ellas elementos de suyo tan poderosos como para que hayan sobrevivido, otorgándoles unidad característica, en este siglo y medio de vida independiente, dividida, de América Latina.

Mais adiante, no mesmo ensaio, Rama incluirá em sua exemplificação o caso brasileiro. Para ele, a diversidade cultural aqui equivaleria a um mosaico de países independentes (1982b; p.51-52):

La excepción es Brasil. El hecho de que prácticamente sea un continente aparte, que disponga de una lengua propia, más la decadencia larga de Portugal, la conmixión racial original del país, ha contribuido fuertemente a desarrollar los rasgos nacionales, instaurando una literatura de las más diferenciadas, autónomas, “nacionales” que haya dado el continente.

[...]

Junto a la excepción brasileña, habría que considerar algunos atisbos de organización autónoma y nacional de las literaturas, que se puede observar en el caso de México (porque aquí el indígena ha alcanzado, por sendas indirectas, una influencia cultural – o más bien antropológica – que podrá resultar enteramente insospechada para el propio mexicano que vive dentro de ella, considerándose, como es habitual, el mejor exponente del pensamiento universalista dentro de las tierras hispanoamericanas) (...)

Portanto, uma região poderia abranger ao mesmo tempo diversos países contíguos, ou dentro deles recortar áreas com traços comuns, oferecendo um segundo mapa, mais verdadeiro inclusive que o oficial – este último tantas vezes determinado por divisões administrativas coloniais ou por questões políticas posteriores. Não obstante, como vimos, o crítico uruguaio faz algumas ressalvas a seus exemplos de comarca cultural, entre elas os casos do Brasil e do México.

Os estudos antropológicos, como os realizados por Darcy Ribeiro, colaboraram para que o crítico uruguaio desenvolvesse o que entende por comarca cultural e também para que repensasse o conceito de transculturação definido pelo cubano Fernando Ortiz em *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, de 1940. Ambos aparecem em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982a) como pressupostos metodológico-conceituais e como procedimentos comumente encontrados no subcontinente. Entretanto, é necessário atentar para o fato de que Rama, em vez de se voltar para o estudo superficial das comarcas, optou por concentrar seu estudo em uma comarca específica, a que chamou de andina. A transculturação, segundo a concepção de Ortiz, também seria corrente na cultura latino-americana, mas o uruguaio examinará como ela viria a ocorrer na literatura de uma determinada região cultural, mais especificamente na obra de José María Arguedas. Podemos dizer que, ao empreender esse movimento de aproximação a um caso específico, outros embasamentos teóricos foram necessários e decisivos para que chegasse a estabelecer o que considerou como transculturação narrativa.

Em 1964, em entrevista realizada por Rama com Ribeiro e publicada em *Marcha* (1964), o antropólogo comenta a vinculação entre os trabalhos de brasileiros, europeus e americanos, tais como Charles Wagley, Robert Murphy, pertencentes ao Departamento

de Investigaciones Latinoamericanas de la Universidad de Columbia, e ainda o francês Lévy-Strauss,

Esse intercâmbio colaboraria com o desenvolvimento do que considerava a geração mais frutífera de intelectuais no Brasil. Como integrantes dessa nova geração², cita nomes das ciências sociais como Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Victor Nemes Leal; e, nas ciências literárias, Antonio Candido, Heron Alencar, Heliu Martins. Estes teriam como mestre, ressalta Ribeiro, Gilberto Freyre. O antropólogo brasileiro conclui: “es la mejor generación de intelectuales que ha dado el país, la más lúcida, con más rigurosa conciencia crítica y aquella más comprometida en la lucha transformadora de la nacionalidad”. Darcy Ribeiro tenciona demonstrar a existência de uma nova geração de intelectuais de áreas diversas, que teriam mantido um intercâmbio intelectual com estudiosos de renome internacional, mas que também valorizavam os pensadores nacionais. O antropólogo brasileiro mostrava-se bastante otimista em relação às realizações que, acreditava, seriam alcançadas por essa nova geração, a qual, segundo suas palavras (1964; p.31):

Va [a nova geração de intelectuais] a promover la existencia de una cultura brasileña, y va a presentarla como cultura propia a los ojos del mundo. Lucha para construir los instrumentos con que realizar una obra regida por el interés nacional, por la aceptación de la propia realidad, por el deseo de transformarla. (...) Conseguir una integración nacional de la nacionalidad es uno de los cometidos básicos de este movimiento cultural brasileño.

² No estudo “Por uma sociologia das Ciências Sociais” (1989a; p.12), Sérgio Miceli aponta a existência de instituições para o ensino da disciplina em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. Sobre as condições em São Paulo, especificamente, comenta (1989a; p.13): “Os elementos centrais da argumentação envolvendo a gênese e a expansão das Ciências Sociais em São Paulo prendem-se quase todos aos efeitos da progressiva transformação do estado no centro interno mais dinâmico dos processos de industrialização e urbanização.” Além disso – ou por isso mesmo – argumenta Miceli em “Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais” (1989b; p.93): “São Paulo foi praticamente o único espaço institucional em que se constitui algo próximo ao que se poderia qualificar como uma elite propriamente intelectual.”

Com relação à antropologia, Mariza Corrêa comenta, em “A Antropologia no Brasil (1960-1980)” (1995; p.53), que institucionalmente a disciplina teria surgido na Universidade de São Paulo em 1935, com a cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani. Uma cadeira de Antropologia surgiria com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1945. Assinala, ainda, como centros formadores de antropólogos o Museu Nacional, a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Campinas.

E, sem dúvida, entre Rama e o antropólogo Gilberto Freyre encontramos algumas coincidências em seus procedimentos de estudo: a grande preocupação com as peculiaridades regionais, aliada a uma criatividade metodológica. Ambos os intelectuais compartilham a necessidade de pensar e trabalhar segundo um método adequado às características de uma determinada região, porém atendo-se ao geral. No caso de Freyre, as particularidades da região Nordeste em relação ao Brasil; e, por parte de Rama, as várias *comarcas culturais* e a América Latina como um todo.

Em 1976, quando escreveu “Manifesto Regionalista Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife”, o antropólogo demonstrava certo interesse pelo trabalho de alguns letrados latino-americanos, tanto que cita, ainda que brevemente, Fernando Ortiz.

Em sua busca por uma metodologia própria para tratar da região (permeada por uma “extrema criatividade”, como definiu Darcy Ribeiro a Rama em 1964), Freyre teria motivado o uruguaio a conhecer melhor e até a estabelecer alguns pontos em comum com sua escritura – procedimento também buscado na obra de Ortiz, evidente quando o uruguaio destaca o caráter inovador do vocábulo forjado pelo cubano (Rama, 1982, p.33).

Ángel Rama, por sua vez, ao comentar o primeiro manifesto de Freyre, demonstra estar atento para essa concepção culturalista do autor pernambucano (1982a; p.22):

Aunque con orientación antropológica que responde visiblemente al magisterio de Franz Boas, el manifiesto atiende más a la cocina del Nordeste y a la arquitectura de los “mucambos” que a las letras, no deja de subrayar la influencia que en la formación espiritual de los intelectuales nordestinos han tenido los componentes idiosincráticos e su cultura, los cuales tienen plena manifestación en el pueblo, aunque Freyre elude una interpretación clasista, vertical, de las culturas y defiende una concepción regional horizontal, de ellas (...)

No “Manifesto Regionalista Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife”, de 1976, a intenção de Freyre era fundamentar o que expusera e defendera no primeiro, desejando romper com a idéia de que o movimento promoveria um separatismo. E, mais ainda, visava a demonstrar que, apesar de diferente do movimento paulista de 1922, o recifense de 1926 também teria sido uma resposta às influências modernizantes, “a seu modo”.

Pode-se perceber, pela citação em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982a) e por alguns artigos publicados, como vimos, que Ángel Rama conhecia as idéias de Freyre, ao menos no “Manifesto Regionalista” de 1926, e que o crítico uruguaio dele teria tomado os termos “regionalista” e “regionalismo”, não pelo tratamento dado ao aspecto literário, tratamento ainda incipiente, mas por ter sido desenvolvido para abordar a cultura de modo integral.

Na busca pelo tratamento da cultura como um todo, pode-se perceber, tanto por parte de Gilberto Freyre quanto de Ángel Rama, uma preocupação especial com as peculiaridades regionais. Em especial no primeiro manifesto, o Regionalista, nota-se, no antropólogo brasileiro, uma contraposição entre elementos da cultura externa e da “tradicional” ou “regional”. Ao passo que no “Manifesto Regionalista Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife”, de 1976, percebe-se uma mudança: o movimento pernambucano e o paulista de 1922 serão compreendidos, ambos, como possibilidades de respostas à influência estrangeira. Representariam os dois lados, opostos ainda, de um movimento de resistência, sendo que as peculiaridades culturais apareciam no entanto mais valorizadas pelos regionalistas. Pode-se dizer mesmo que Freyre, em 1976, caracteriza melhor as particularidades do movimento de 1926 definindo-o em negativo quando o contrasta com o movimento paulista.

Esse procedimento criativo terminológico transparece em *Transculturación narrativa en América Latina* em outros momentos, além da adoção do termo criado por Ortiz e sua recriação. Para Rama, a *novela regionalista* apresenta a melhor resposta ao impulso modernizador em relação à literatura. Visto que o crítico deseja valorizar as peculiaridades “regionais” do continente americano, preferiu adotar o termo “regionalista”, consagrado na literatura brasileira, estendendo-o para toda a América Latina (pois a hispano-americana oferece outras classificações além dessa, as de *costumbrismo*, *criollismo*, *indigenismo*, *nativismo*). Com tal procedimento, buscava uma perspectiva latino-americanista e criava paralelamente outros termos inovadores: “regionalistas plásticos”, “continuadores-transformadores”, ou ainda, “transculturadores”.

Assim como o antropólogo brasileiro deseja em seus manifestos privilegiar o movimento do Recife como o produtor de uma melhor resposta – não a única – à influência externa e à própria hegemonia do polo paulista, Rama ao estudar a obra do autor peruano também privilegia uma região mais interna, que, além de necessitar

revitalizar-se a partir do impacto externo, deve também sobreviver à hegemonia da capital urbana.

Rama e Freyre apontam (ainda que, digamos, sem se aprofundar na questão) para a ocorrência de sistemas culturais e, portanto, literários paralelos, que teriam se desenvolvido simultaneamente, porém diante de distintas realidades de produção. Com relação à metodologia empregada por Gilberto Freyre³, contrapõe dois movimentos, o pernambucano de 1926 e o paulista de 22. Ángel Rama, por sua vez, ao tratar da produção literária cosmopolita em “La tecnificación narrativa” (1981a) esclarece algumas de suas idéias sobre a transculturação. Pode-se dizer que, por contraste, o crítico uruguaio também acaba caracterizando seu conceito ao analisar a produção que lhe seria oposta, mas também complementar.

Tanto Freyre quanto Rama não desprezam uma resposta modernizadora, o que seria mesmo impossível, mas buscam estudar o “tradicional” onde ele ainda persistisse, ou seja, exatamente na mescla, nos transculturadores narrativos, segundo a terminologia empregada por Rama.

Desta resposta mediadora os resultados mais bem-sucedidos são, na visão de Rama: João Guimarães Rosa (1908-1967), em *Grande sertão: veredas*, de 1956; Gabriel García Márquez (1928), com *Cien años de soledad*, de 1967; Juan Rulfo (1918-1986), *Pedro Páramo*, de 1955. Em alguns ensaios, acrescenta à sua lista Augusto Roa Bastos (1918-2005), com *Yo, el supremo*, de 1974. Porém, como caso exemplar elege o de José María Arguedas (1919-1969) e sua obra *Los ríos profundos*, de 1958.

Portanto, ao recorrer algumas das influências e intercâmbios buscados ao longo do desenvolvimento do conceito de transculturação narrativa, fica evidente que o uruguaio não perde de vista o viés latino-americanista em seus estudos. Desenvolve seu ofício crítico atento às questões peculiares do subcontinente, permitindo-se acréscimos e empréstimos de outras áreas e intelectuais, moldando e adaptando teorias, promovendo

³ Segundo Antonio Candido (1993d; p.84), em Gilberto Freyre “mais forte do que as convenções, do que a tentação de se encaixar numa corporação científica rotulada, age nele a pressão viva de um pluralismo que ataca vorazmente a realidade, disposto a transfigurá-la a qualquer preço, isto é, sem preconceitos metodológicos”. Candido salienta mais adiante, nesse mesmo artigo, que o autor pernambucano conciliaria dois veios de sua personalidade, o sociológico e o artístico (p.85): “e assim percebemos o sentimento profundamente dialético da sua teima em considerar-se escritor”. E ao final do artigo ressalta a dialética que observa no autor (1993d; p.88): “Essas imagens duais abundam em Gilberto Freyre e servem para mostrar o seu movimento dialético e integrador, sempre deslizando entre a casa-grande e a senzala, o sobrado e o mocambo, a ordem e o progresso, a precisão racional e a fantasia, a análise técnica e as liberdades artísticas da intuição e do prazer estético.”

recriações, no intuito de ampliar o entendimento e a construção de seu objeto de estudo. Nessa época, tanto ele quanto sua geração acreditavam na possibilidade de uma América Latina como unidade harmônica conquistada pelo revigoramento de suas peculiaridades regionais. Posteriormente, essa hipótese será questionada, muitas vezes partindo-se do raciocínio e estudos de Ángel Rama. Mas, enfim, esta é a continuidade do percurso da transculturação narrativa na história da cultura latino-americana, seguindo seu caminho: influenciando e intercambiando outros conceitos e ideias.

Bibliografia:

ARGUEDAS, José María. *Formación de una cultura nacional indoamericana*. Seleção e prólogo Ángel Rama. Ciudad de México: Siglo XXI editores, 1989.

_____. *Los ríos profundos*. Edição Ricardo González. Madrid: Cátedra, 1998.

CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*, São Paulo: EDUSP, 1993a, p. 263-270.

_____. O olhar crítico de Ángel Rama. In: _____. *Recortes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993b, p. 140-147.

_____. Aquele Gilberto . In: _____. *Recortes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993c, p. 82-83.

_____. Um crítico fortuito (mas válido). In: _____. *Recortes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993d, p. 84-88.

CORRÊA, Mariza. A Antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, Sérgio(org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, São Paulo, 1995, vol. II, p.25-106.

CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*, São Paulo Humanitas/FAPESP, 2007.

FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. In: QUINTAS, Fátima (Org.). *Manifesto Regionalista*, Recife: Editora Massangana, 1996, 7ª edição revista e aumentada, p.47-86.

_____. O Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife. In: QUINTAS, Fátima (Org.) *Manifesto Regionalista*. 7ª edição revista e aumentada. Recife: Editora Massangana, 1996, p.235-259.

MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: _____. (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice, São Paulo, 1989a, vol. I., p. 5-20.

_____. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais, In: _____. (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice, São Paulo, 1989b, vol. I., p.72-110.

_____. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: _____. (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, São Paulo, 1995, vol. II., p.7-24.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Prólogo e cronologia Julio Le Riverend, introdução Bronislaw Malinoski. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

RAMA, Ángel. Darcy Ribeiro: Una generación brasileña. *Marcha*, Montevideo, vol.1207, p. 31, mai. 1964.

_____. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982a.

_____. *La novela latinoamericana, 1920-1980*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1982b.

_____. La tecnificación narrativa. *Hispanérica*, Gaithersburg, nº 30, p.29-82, dic. 1981a.

RIBEIRO, Darcy. *Configuraciones histórico-culturales americanas*, Montevideu:
Centro de Estudios Latinoamericano, 1972.